

À CONVERSA COM O PROFESSOR JOÃO CARDOSO

Após termos lido alguns artigos da autoria de João Luís Cardoso sobre a presença histórica do burro no actual território de Portugal continental, a nossa curiosidade agudizou-se. Fomos falar com o investigador, para que nos explique as suas descobertas e conhecer a sua teoria sobre o zebro, um equídeo misterioso que terá habitado a Península Ibérica até ao século XVI.

João Luís Cardoso, é Professor Catedrático de Pré-História na Universidade Aberta de Lisboa. Foi Vice-Presidente da Academia Portuguesa de História, e membro de outras Academias, nomeadamente, a Academia de Ciências de Lisboa, a Academia Real de História de Madrid, e o Instituto Arqueológico Alemão, de Berlim. Tendo iniciado a sua actividade na Arqueologia em 1975, é autor e coautor de cerca de 750 artigos, capítulos de livros, e livros dedicados a esta disciplina. Desde 1983 dirigiu mais de 100 campanhas de escavações arqueológicas.

Sabemos que algumas espécies da fauna portuguesa estão infelizmente extintas. Outras, tendo sobrevivido em Espanha, voltaram a recolonizar os territórios de outrora. No entanto, raramente se menciona, ou se conhece, a fauna que já habitou as nossas terras há alguns milhões de anos atrás. Pode dizer-nos que espécies de vertebrados ocupavam a Península Ibérica na época geológica anterior à actual, no Plistocénico?

Podemos dizer que, na fase final do Plistocénico, entre cerca de 30 000 e há pouco mais de 10 000 anos antes do presente, ainda viviam no nosso território o leão das cavernas, o leopardo, o rinoceronte, a hiena malhada, pontualmente, nos períodos de maior frio o Mamute e a camurça. Algumas destas espécies não resistiram ao máximo de frio verificado há cerca de 18 000 anos, como foi o caso dos grandes felinos acima referidos. Mas outras espécies conseguiram sobreviver tanto ao máximo de frio, como aos tempos pós-glaciários, e até chegariam aos nossos dias, como é o caso do urso, do javali, do veado, do corço, do cavalo, do lobo, do gato bravo e do linco, entre outras, como o auroque, que foi o antepassado directo do boi doméstico.

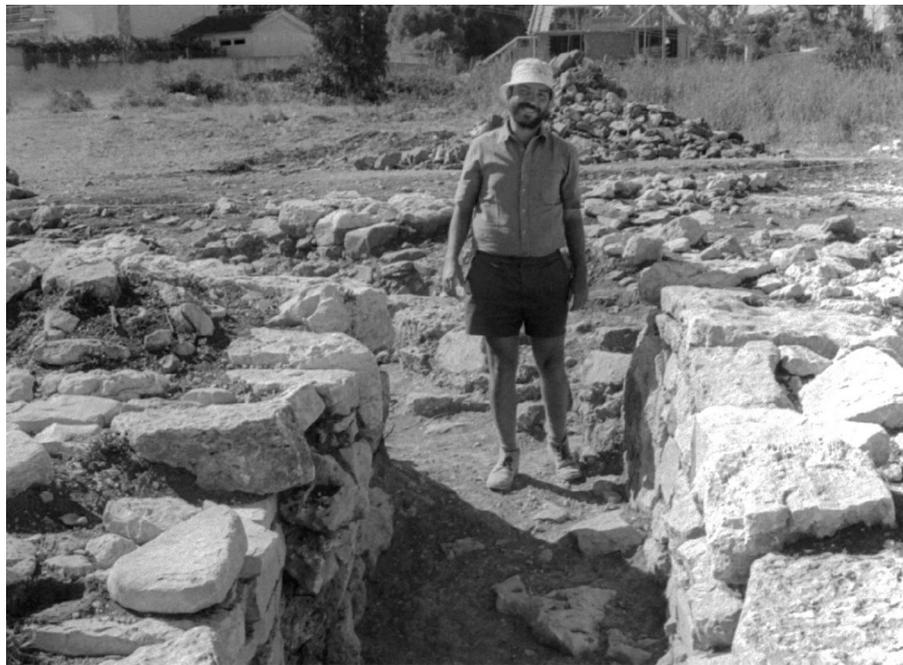
O *Equus hemionus hydruntinus*, foi uma espécie de burro selvagem que emergiu durante o Pleistoceno e que se encontra extinto na actualidade. Alguns autores, consideram a possibilidade desta espécie ser o zebro, que apesar de todo o património associado à sua presença, carece de uma correcta identificação. Num dos seus artigos, avança que afinal os zebros poderiam ser burros domésticos assilvestrados. Pode aprofundar e explicar-nos porquê?



O burro selvagem europeu, de acordo com os registos seguros que presentemente possuímos, não terá resistido ao pico de frio verificado cerca de 18 000 anos atrás, como espécie de distribuição mediterrânea que era. Mesmo no nosso território, o seu registo é muito limitado. Deste modo, é lícito admitir, na falta de outros elementos, que já se encontrava extinta no Holocénico. Ora, em muitos registos documentais medievais portugueses e espanhóis, há referência a um animal, o zebro, que era prejudicial pelos danos que causava nas actividades agrícolas, e que, por tal motivo, era caçado, extinguindo-se no século XVI. A sua pele era utilizada na Idade Média, na confecção de escudos, pela sua resistência, leveza e elasticidade, na tradição do armamento defensivo islâmico, por oposição aos pesados escudos de madeira das tropas europeias. Não se conhecendo até o presente nenhum resto osteológico que lhe possa ser reportado, a hipótese mais plausível, do meu ponto de vista, é que corresponda a animais domésticos assilvestrados. Tal possibilidade conheceu um acréscimo de plausibilidade a partir do momento em que se demonstrou a presença do burro doméstico já no terceiro milénio a.C. no Ocidente peninsular e em particular na Estremadura portuguesa. Deste modo, houve tempo de sobra para que alguns destes animais pudessem ter regressado ao estado selvagem. Assim se mantiveram, aumentando mesmo de número, até ao declínio verificado a partir do século XIII, extinguindo-se no decurso do século XVI nas regiões do sudeste peninsular mais desérticas, a que respeitam os últimos textos sobre a sua presença.

Foi responsável por uma das descobertas mais interessantes sobre a presença histórica de burros em Portugal, publicada no artigo “First evidence of *Equus asinus* L. in the Chalcolithic disputes the Phoenicians as the first to introduce donkeys into the Iberian Peninsula” (traduzido livremente: Primeiras evidências de *Equus asinus* L. contestam que os Fenícios tenham sido os primeiros a introduzir os burros na Península Ibérica). Quanta história pode ser reescrita a partir de um dente de burro?

Na verdade, com base num simples dente, é possível escrever muita história. Este estudo exigiu o concurso de especialistas de diversa formação académica. Como arqueólogo e paleontólogo, coube-me a mim recuperar o dente na escavação que então estava a dirigir no povoado calcolítico fortificado de Leceia, no concelho de Oeiras. O dente que classifiquei desde logo como de um equídeo, pareceu-me demasiado pequeno para ser de cavalo. A sua morfologia do esmalte dentário apontava para asinino, ficando por identificar a espécie, que à partida poderia ser de facto de *Equus hydruntinus*. O dente foi depois observado pela grande especialista em equídeos actuais e fósseis do Museu Nacional de História Natural de Paris, a Doutora Véra Eisenmann, com quem estagiei em Paris, nos finais da década de 1980 no âmbito da preparação do meu doutoramento. A sua opinião foi no sentido de contactar o Doutor Ludovic Orlando, para verificar se seria possível



uma análise genética, através do ADN que o dente poderia ainda conservar. Claro que, para tal, uma amostra teria de ser obtida, como foi. Uma parte dessa amostra foi utilizada também para a datação absoluta pelo método do radiocarbono deste exemplar, para se ter a certeza de não se tratar de um dente moderno, que poderia ter atingido a camada arqueológica em que foi encontrado, por diversas causas de natureza tafonómica. Depois de obtida a garantia de que se tratava de facto de um dente antigo, da segunda metade do 3.º milénio a.C., uma parte daquela amostra foi enviada para a análise genética, que veio a resolver todas as dúvidas, reportando seguramente o dente em causa a burro doméstico. Foi o exemplar mais antigo desta espécie até agora identificado na Península Ibérica, pois, como se refere no próprio título do artigo publicado em 2013, era aos Fenícios que se atribuía a responsabilidade da sua introdução no território peninsular.

O dente foi encontrado no povoado fortificado de Leceia, situado em Oeiras. Que tipo de povoado era este e que povo o habitava?

Trata-se de um povoado fortificado do 3.º milénio a.C., implantado numa plataforma rochosa, debruçada sobre o vale da ribeira de Barcarena e protegida de dois dos seus lados por escarpas naturais de calcários duos de Cretácico superior, sendo o lado de mais fácil acesso defendido por um dispositivo defensivo constituído por três ordens de muralhas, fechando o recinto, construído cerca de 2800 anos a.C. e mantendo-se activo até cerca de 2500/2400 anos a.C.

As escavações no Povoado já terminaram ou ainda há a possibilidade de serem descobertos outros ossos de burro no local?

As escavações foram concluídas em 2002, quando se completaram cerca de 11 000 m² de área escavada, colocando este povoado pré-histórico entre os mais importantes da Península Ibérica e mesmo do Ocidente europeu, correspondentes a cerca de 95% da área originalmente por ele ocu-

pada. Mas os estudos laboratoriais prosseguem até hoje e, para além de se terem encontrado outros dentes, pertencentes provavelmente também a burro doméstico, reconheceram-se dentes de cavalo (*Equus caballus*) presentemente em estudo, e que têm também uma história muito importante para contar.

Tem alguma teoria acerca da origem do burro de Leceia, ou por outras palavras, como imagina que o burro tenha chegado à Península Ibérica pela primeira vez?

O burro doméstico de Leceia tem uma origem claramente do Próximo-Oriente (litoral sirio-palestino) e áreas adjacentes. É provável que tenha chegado a este extremo ocidente do continente europeu acompanhando outros produtos com aquela origem, como o marfim asiático, de que se conhecem vários objectos da mesma época em sítios arqueológicos do litoral peninsular mediterrâneo, comprovando a importação directa de produtos com aquela origem, para além de influências indirectas, de há muito observadas na tipologia de diversas produções coevas, tanto de carácter utilitário, como de natureza mágico-religiosa.

*“... reconheceram-se dentes de cavalo (*Equus caballus*) presentemente em estudo, e que têm também uma história muito importante para contar. (...)”*